

SIMPÓSIO 39

TRADUÇÃO: *TRANS-FORMAÇÃO* LINGUÍSTICA E CULTURAL

Inserindo-se no IV SIMELP e na sua concepção básica, este simpósio, cujo título é “Tradução: *trans*-formação linguística e cultural”, propõe-se como espaço de abrigo e debate sobre teoria e prática de tradução. Identifica-se, pois, na concepção do IV SIMELP, enquanto propõe o *diálogo* de diferentes disciplinas e a variedade de discursos. O presente simpósio abre-se a diferentes aplicações e interesses no âmbito da tradução, reafirmando a intenção de catalizar, e, possivelmente, identificar novos rumos, novas pesquisas no panorama atual dos estudos sobre tradução em língua portuguesa. Para tal, esta proposta de simpósio abrange vários temas possíveis: tradução e literatura, tradução técnica, tradução e didática das línguas, formação de tradutores, teoria da tradução/tradutologia, identidade do tradutor, prática da tradução da/em língua portuguesa, tradução e tecnologia, tradução e etnografia, tradução e sociologia, interpretação consecutiva, interpretação simultânea. Além de outros temas propostos em trabalhos que visem ao compartilhamento de experiências e pesquisas que envolvam estudos de tradução intralingual, interlingual e intersemiótica. Considerando que a língua portuguesa se constitui em espaços culturais em que as teorias pós-coloniais proporcionaram novos modelos interpretativos da realidade dos países colonizados, considerando que a admiração pela cultura estrangeira produziu uma transformação radical da cultura/língua alvo por meio da “canibalização” dessa cultura/língua, parece-nos que os novos rumos dos estudos de tradução podem ser traçados no âmbito do IV SIMELP por ser o *locus* de discussão multifacetada e multicultural, de *diálogo* intercultural e interdisciplinar.

COORDENAÇÃO

Katia de Abreu Chulata

UniversitadelSalento (Lecce, Itália)

kdeabre@hotmail.com

O SUJEITO/TRADUTOR CONSTRUINDO(-SE) NO ARQUIVO, PERDENDO(-SE) NA MEMÓRIA

Katia de Abreu CHULATA (UNISALENTO⁷⁴⁰)

Resumo: Parte de um projeto de pesquisa sobre o sujeito-tradutor, a presente comunicação apresenta resultados da análise de entrevistas realizadas a dez tradutores e tradutoras brasileiras atuantes no cenário nacional. Partindo dos conceitos de arquivo e memória, postulados por Foucault (1969), ao longo da leitura-análise dos dizeres dos tradutores entrevistados, tentaremos identificar alguns aspectos do “discurso” desses tradutores que dizem respeito principalmente à inscrição do tradutor na sua história pessoal e na história daquilo que, por convenção, chamamos teorias da tradução. Interessante observar que a postura dos tradutores em relação aos próprios “métodos” e ao trabalho-processo da tradução, pode ser identificada quer nos momentos em que é (deliberadamente?) explicitada quer quando é (deliberadamente?) camuflada.

Palavras-chave: Sujeito-tradutor. Discurso. Tradução.

1. Apresentação

Com a intenção de traçar um esboço do trabalho de pesquisa intitulado “Identidade tradutória: narração e autonarração”, apresentamos alguns dados teóricos e práticos com os quais tecemos nossas considerações.

O trabalho de pesquisa, acima citado, estrutura-se a partir de um excursus teórico que aborda a questão da hipotética neutralidade nas Ciências Humanas e do papel do sujeito visto por diferentes teorias filosóficas no curso da História. O mito da objetividade nas Ciências Humanas, com sua hipotética neutralidade, na verdade nunca obteve total reconhecimento e legitimação de fundamentos utilizados pelos pesquisadores e pensadores que se esforçaram em defendê-los, quer do ponto de vista epistemológico quer metodológico. Ou seja, podemos dizer que com a dissolução do mito da neutralidade foi-se diluindo a certeza com que se assumia a unicidade do aparelho epistemológico, ao qual se fez corresponder um pluralismo epistêmico, ao passo que, em relação ao âmbito metodológico, assumiu-se uma visão perspectivista, legitimando, assim, qualquer aventura pluralística, muitas vezes justificada como livre aplicação experimental.

Pois bem, graças às perspectivas inauguradas pelos sistemas epistemológicos que se insinuaram de maneira “anárquica e pluralística”, segundo Karl Popper, e aos efeitos produzidos pela aplicação do modelo holístico ao qual chegaram as ciências pós-empíricas, independentemente do seu específico conteúdo ou da sua particular região de pertinência, proposto por Humberto R. Maturana e Francisco J. Varela, até Heinz von Foerster e Edgar Morin, de fato é possível assumir, (i) por um lado, a aceção de uma cientificidade das Ciências Humanas e Sociais exatamente porque se reconhece a *fonte transcendental* (desde Kant até a energia instituinte da Análise Institucional) capaz de as caracterizar numa força uniforme que as constitui (garantindo, assim, resultados necessários e universais, mas também convencionais); (ii) por outro, se admitirmos que é sempre a mesma *fonte* propulsora que age na pesquisa em âmbitos das Ciências Físicas e Naturais, veremos que diferentes efeitos, porque ligados aos diferentes âmbitos, serão produzidos pela mesma energia instituinte.

⁷⁴⁰ Università del Salento, Lecce, Itália. E-mail: kdeabre@hotmail.com.

O cerne, anteriormente denominado *fonte*, que produz esses resultados é, sem dúvida, o *sujeito*, ou a *pessoa*, assim como quisermos chamar, já que as diferentes denominações podem ser derivadas da *Entidade* humana de que falava Aristóteles e que nas Ciências Humanas contemporâneas se articula no vocabulário das diferentes antropologias, das diferentes orientações culturais, da pluralidade das disciplinas; outras fórmulas são, por exemplo, *instituinte*, *ator social*, e assim por diante. Dessa forma, vemo-nos perante um vocabulário plural capaz de se apresentar organicamente em diversas perspectivas, abertas pelas diferentes referências metodológicas e tomadas pelos pesquisadores nas específicas disciplinas.

No nosso caso, esse *sujeito* é o *tradutor*, natural herdeiro de uma tradição filosófica que condiciona sua prática e seu olhar crítico sobre o mundo. Assim sendo, nossa análise aborda, não tanto o processo de tradução, quanto o *sujeito-tradutor* na sua instabilidade filosófica, cultural, linguística. Para tanto, o percurso acima citado, que inicia explorando a questão da hipotética neutralidade nas Ciências Humanas e o papel do sujeito visto por diferentes teorias filosóficas no curso da História, articula-se considerando o tradutor na sua *identidade*, na sua *subjetividade*, na sua *heterogeneidade*.

2. O sujeito-tradutor e sua inscrição na tradução

A exploração sobre a presunção de neutralidade das Ciências Humanas fez-se necessária para corroborar a tese que nenhum olhar científico é despreocupado, assim como a escritura não é neutra. Se assim não pensássemos ignoraríamos a singularidade e, a tal propósito, os estudos de Maria Paula Frota (1999) sobre a singularidade na escrita tradutora, esclarecem e apaziguam a questão da Linguística de Saussure e da releitura do signo saussureano por parte de Lacan, além de demonstrar e legitimar a “presença”, a marca do tradutor na tradução. A escritura, a escritura-tradução, a narração, a autonarração, realizam-se na possibilidade e ao mesmo tempo na impossibilidade do dizer, pois, segundo a teoria do inconsciente, o dizer vai além do querer dizer. O sujeito diz-escreve mais do que sabe e o tradutor não está imune a essa condição do sujeito, dividido entre a ação e a sujeição. Segundo Frota, a psicanálise formaliza a relação sujeito-linguagem e ao mesmo tempo une cada um dos dois termos de maneira indissolúvel, assim, não podemos pensar um termo sem o outro (ivi, p. 34). Através da sugestão lacaniana, a pesquisadora afirma que as línguas enquanto estrutura pré-existem ao nascimento de cada falante, assim, esse falante se constitui como sujeito enquanto absorvido por essa estrutura. De maneira recíproca, o sentido se dá somente naquele sujeito, porque formalizado como acontecimento discursivo na estrutura. Ou seja, o sujeito, entendido como sujeito do desejo inconsciente, ao contrário do sujeito egóico da psicologia e do cartesianismo, é assujeitado pela estrutura da linguagem. Portanto, existe o sujeito do inconsciente (sujeito e inconsciente, entendidos como “entidades separadas mas não opostas”) pois existe a linguagem que demonstra a diferença ou a distinção, assim como a conjunção. Uma tal estrutura simbólica, implícita na linguagem, se realiza somente parcialmente na singularidade expressiva (por se realizar pelo sujeito). Concluindo sua análise sobre a relação indissolúvel sujeito-linguagem, Frota afirma que para a psicanálise o sujeito é implicado na construção de sentido, inscrevendo nas palavras que enuncia a profunda singularidade de seu desejo.

Milner afirma que não podemos comparar a linguística à lógica (1987, pp. 8-9) porque o real sobre o qual se estruturam as duas matrizes disciplinares é desprovida das específicas conjunções que as possam unir, resultando pleno de lacunas. Tais lacunas, segundo o autor (ivi, pp. 72-73), permitem a relação com os lapsus de língua, com as lacunas do discurso no próprio momento em que são assumidas como objeto da psicanálise, e as experiências do cotidiano em geral, como as que Jean Jacques Lecercle sistematiza e analisa (1985; 1990), tornando-se paradigmas psicanalíticos para uma leitura crítica da linguística, como demonstra

Claudine Haroche (1992) a propósito da *elipse* e da *incisa* que continuamente entram no nosso discurso sem que tenhamos controle disso.

Negar essas lacunas, como o fazem algumas teorias da tradução, oriundas da linguística da *langue*, levam à exclusão do falante e, conseqüentemente, à exclusão do tradutor (FROTA, 1999, p. 30). *Lalingua* seria, assim, para Lacan, o corpus dessas lacunas e é com *lalingua* que a singularidade tem espaço.

Para Coracini (2009), esse seria o espaço da criatividade e, segundo nosso interesse pelos estudos que se relacionam com a tradução, compreendida como “ação singular do tradutor”, é exatamente a noção de *lalingua* como lacuna, ou seja, como espaço para a criatividade, que se mostra pertinente e, portanto, utilizável de modo legítimo para que se constitua como modelo teórico da tradução.

Partindo do presuposto que Foucault, Lacan e Derrida concebem a escritura como “arquivo da civilização” que permite conservação e transmissão de dados e informações no tempo e no espaço, e que a escritura pode ser apagada ou re-escrita, Coracini afirma (2009) que é o sujeito do desejo inconsciente que se revela a partir da organização do significante:

Assim, é o corte do significante feito pelo analista, pelo sujeito-suposto-saber, que faz surgir o sujeito do desejo inconsciente. Isso nos permite vislumbrar como se dá o que o senso comum costuma chamar de “criatividade” ou “originalidade” que, afinal, nada mais é do que o deslocamento de sintomas singulares (sinthoma), seguido de um trabalho com o significante (a letra) – com o que do real excede – que passa pelo corpo, modifica-o e se manifesta (dá-se a conhecer pela interpretação) em obra de arte ou em produção em que o sujeito se diz e não apenas diz, se inscreve e não apenas escreve. E o sujeito – efeito do encontro do corpo com a alíngua (“lalangue”, significantes que excedem, não formam sistema ou estrutura e, portanto, não fazem sentido para o eu) – goza desse trabalho que preenche ou supre, ao menos por um momento, o furo, a falta constitutiva ou permite a ilusão desse (im)possível suplemento (ivi, p. 401).

Coracini, concluindo suas considerações sobre escrit(ur)a de si, a partir das teorias de Lacan, Foucault e Derrida, chega à conclusão de que não há dicotomias (oralidade-escritura, escritura-leitura) e que, portanto, não haveria nenhuma scissão entre “escritura psíquica” (a que penso) e a “escritura visível” (a que escrevo). Fica também sublinhada, no texto de Coracini, a questão da responsabilidade em Derrida, para quem “escrever é responsabilizar-se colocando no corpo do texto e no corpo próprio sua assinatura”(*ibidem*). Podemos dizer, assim, que no caso de nossa pesquisa, bem além de qualquer resíduo de dualidade opositiva, o tradutor subscreve com sua singularidade quer o texto traduzido quer sua própria identidade, base sob a qual reside o procedimento tradutório e é a partir dele que suas competências intelectuais e culturais se manifestam.

Desenvolvendo ainda mais a questão dessa “fusão”, dessa escrita que se realiza realizando (cfr. BOSI, 1977, p. 144), Haroldo de Campos (1989) em seu texto “O afreudisiaco Lacan na galáxia de Lalingua (Freud, Lacan a escritura)”, com base também ele em Lacan e Derrida, sublinha a importância do significante em relação ao significado; coloca em evidência a energia da poesia, mostrando como é o texto em geral que se identifica com o corpo; e é assim que a energia significante se irradia a partir do sistema simbólico, das palavras que exprimem significações: “Deixar de lado o corpo é mesmo a energia essencial da tradução. Quando ela reinstalou um corpo poesia”. (J. Derrida). No que eu chamo “transcrição” a hermenêutica é encapsulada na forma significante (ivi, p. 10).

3. O sujeito-tradutor e seu arquivo (perdido) na memória

Nesta seção, a questão do “arquivo” já em parte explorada no tópico anterior, passa a ser abordada segundo a perspectiva foucaultiana e sua releitura por Coracini (2007).

Em seu texto “Arquivo e memória: uma análise dos conceitos de arquivo segundo Michel Foucault e Roberto Gonzalez Echevarría”, Ingrid Michelle Lopes Pereira e Pedro Dolabela Chagas (2011), lemos que para Foucault

[...] é o *a priori* histórico que permite compreender os discursos na lei de seu devir efetivo, caracterizado pelo desencadeamento que não só utiliza e acolhe estruturas formais, mas também as exclui, esquece ou simplesmente desconhece. O *a priori* histórico faz ver a forma como se articula o domínio dos enunciados e é neste domínio enunciativo que se desenrolam, por sua vez, segundo regras específicas, práticas discursivas em cuja diversidade funcionam sistemas de enunciados que fazem com que alguns destes sistemas apareçam como acontecimentos e como coisas. São todos esses sistemas de enunciados – acontecimentos de um lado, coisas de outro, que Foucault chama de *arquivo*. (ivi, p. 319).

No mesmo texto de Lopes Pereira e Chagas, a propósito da relação da função enunciativa com o conceito de memória em Foucault, temos que

Uma das características da função enunciativa é sua relação com um campo associado de domínio de memória. Em outras palavras, o enunciado liga-se a uma série de enunciados que o precedem e aos quais se refere, atualizando-os, além de estar associado a enunciados que o sucedem. É através do domínio de memória que os enunciados sucedem-se, ordenam-se e se determinam na medida em que se afirmam ou se opõem (ivi, p. 324).

Segundo Brandão, para Foucault o discurso é “um conjunto de enunciados que se remetem a uma mesma formação discursiva” e analisar uma formação discursiva significa descrever os enunciados que a compõem e, ainda segundo a autora

a noção de enunciado em Foucault é contraposta à noção de proposição e de frase (unidades, respectivamente, constitutivas da lógica e da linguísticas da frase), concebendo-o como a unidade elementar, básica, que forma um discurso. O discurso seria concebido, dessa forma, como uma família de enunciados pertencentes a uma mesma formação discursiva (2011, p. 33).

Assim temos uma progressão (ao contrário) de noções básicas na *Arqueologia* de Foucault que nos auxilia na composição da nossa hipótese, ou seja, “que o discurso do tradutor, mas também sua tradução, estão atravessados por outros discursos, por outras traduções”, pois o *sujeito-tradutor* pertence a uma formação discursiva, que não é neutra, que se relaciona com a formação ideológica. E Segundo Foucault, uma formação discursiva determina “o que pode e deve ser dito”, portanto, acrescentaríamos, o que pode e deve ser escrito, o que pode e deve ser traduzido, o que pode e deve ser pensado como tradução e, conseqüentemente, leva a uma determinada formalização teórica dos conceitos de tradução e tradutor.

Na progressão (linear) temos **a)** um *a priori* histórico que permite compreender os discursos, **b)** que são efeitos de sentido que se controem na interlocução e **c)** esses discursos são “o conjunto de enunciados que se remetem a uma mesma formação discursiva” que **d)** é o “conjunto de enunciados marcados pelas mesmas regularidades, pelas mesmas ‘regras de formação’ que **e)** se define pela sua relação com a formação ideológica” (Brandão, 2011, pp. 106-107).

Poderíamos dizer que nessa relação do *arquivo* com a *memória* o tradutor joga sua tradução. Traduz segundo sua memória discursiva, direcionando o texto segundo seus valores ideológicos, seus padrões linguísticos e culturais. Como esclarece Coracini

não se pode lembrar se o que aconteceu não tiver sido esquecido, porque recordar é sempre interpretar. A memória é, portanto, sempre esquecimento, pois é sempre interpretação de algo que passou: passado que se faz presente; presente que, a todo momento, já é futuro (2007, p. 16).

Foucault nos lembra, também, que não é possível descrever de maneira totalmente satisfatória o arquivo, quer o de uma sociedade, quer o de uma cultura ou de uma civilização; menos ainda o arquivo de uma época. Essa descrição se torna impossível quando falamos do nosso arquivo, pois segundo ele, é no interior das regras desse arquivo que falamos

já que é ele que dá ao que podemos dizer – e a ele próprio, objeto de nosso discurso – seu modo de aparecimento, suas formas de existência e de coexistência, seu sistema de acúmulo, de historicidade e de aparecimento. O arquivo não é descritível em sua totalidade; e é incontornável em sua atualidade. Dá-se por fragmentos, regiões e níveis (*apud* CORACINI, 2007, pp. 16-17).

A plataforma *arquivo/memória* é para nós funcional na medida em que o sujeito/tradutor se constitui numa identidade que se forma a partir desse *arquivo* e que aparece/desaparece nos meandros da *memória*. Convém aqui esclarecer que a questão da censura ou da adaptação não é por nós abordada, apesar de estarem diretamente relacionadas com “o que pode e deve ser dito”. Tais estudos, sobre adaptação, censura, gênero, têm, no cenário brasileiro, estudiosos como John Milton, Rosemary Arrojo, Maria José Coracini, entre outros, que se dedicaram e se dedicam a essas questões. Num país colonizado como o Brasil, em que não só a colonização histórica mas também a colonização cultural determinaram o que e como deveria ser traduzido ou não, era fatal o corte da censura; a adaptação, por sua vez, é efetuada segundo o público alvo, o contexto, o canal. Nossa preocupação no presente estudo é verificar, do ponto de vista teórico e metodológico, como esse *arquivo* e essa *memória* se manifestam quer no efeito da tradução quer no dizer do tradutor, não já estritamente do ponto de vista político cultural, mas segundo uma suposta metodologia linear de suposta liberdade, segundo uma suposta emancipação do tradutor no cenário mundial atual. Como se cada tradutor tivesse superado, a partir de uma série de teorias da tradução que viram no tradutor um modelo de santo ou de diabo, toda uma série de preconceitos sobre o bom e o mau tradutor. Como se sua prática fosse o resultado final e o superamento dessas teorias.

4. O tradutor (se)fala da(na) sua prática

Após algumas premissas teóricas encaminhar-nos-emos pelos caminhos metodológicos que na verdade nunca estão totalmente separados, visto que há um engendramento desses dois elementos no sujeito pesquisador que se separam somente por razões acadêmicas.

Propôs-se um questionário de cinco perguntas a dez pesquisadores/tradutores da área de tradução atuantes no Brasil. Depois de longa pesquisa entre os diferentes contatos no âmbito universitário e editorial brasileiro para entrar em contato via e-mail com os pesquisadores/tradutores, alguns deles aceitaram participar de nossa pesquisa, respondendo às perguntas. Inicialmente testou-se o questionário para verificar eventuais ambiguidades ou direcionamentos.

As perguntas propostas foram as seguintes:

1. Gostaria que falasse sobre sua atividade como tradutor, como começou, como nasceu a “escolha” da(s) língua(s) com a(s) qual/quais trabalha.
2. Que posição geralmente ocupa quando desenvolve uma atividade como tradutor ou como intérprete, isto é, existe diferença se traduz para sua língua materna ou para a língua estrangeira?
3. Como lida, no cotidiano, com a “passagem” de uma língua para a outra, quer na tradução escrita quer em situação de oralidade (interpretação simultânea ou consecutiva, não necessariamente no âmbito do trabalho)?
4. Já praticou autotradução? Se a resposta é afirmativa, sente a diferença entre a autotradução e a tradução de outros autores?
5. Ao longo dos anos durante os quais se dedicou à tradução e viveu na relação entre as línguas com que lida, percebe mudanças no seu modo de trabalhar com essas línguas, no modo como traduz e interpreta? E no seu modo de falar e escrever na língua materna e na(s) língua(s) estrangeiras?

Os participantes da pesquisa foram escolhidos segundo o critério da implicação teórica nos estudos de tradução. Essa escolha se baseia na suposição que o tradutor conhecedor de teoria é mais reflexivo e não deixa suas escolhas serem orientadas por uma metodologia que não prevê um horizonte teórico. Além de falar da sua prática de tradução à luz de teoria(s) que a suportam.

Os resultados preliminares da análise das respostas dadas pelos entrevistados ratificaram nossa impressão de que, de alguma forma, os pesquisadores/tradutores tentam controlar suas falas/escrituras, tentam controlar os sentidos, os sentidos da própria narração e os sentidos da própria tradução na ilusão de vigiar totalmente o próprio discurso.

Ao longo da análise, a labuta maior foi sistematizar as impressões que resultaram da leitura das respostas. A primeira leitura revelou algumas surpresas sobre, por exemplo, o fato de alguns tradutores falarem de como iniciaram a própria prática tendo a tradução um papel marginal em relação a outras atividades, tendo a tradução como algo que “só veio depois”, ou algo que aparece “num intervalo entre dois empregos formais”. Dois dos entrevistados começaram a traduzir para ganhar um dinheiro a mais. Vemos na maior parte das respostas à primeira pergunta que a tradução, no começo da atividade desses tradutores ou desses teóricos da tradução, ocupa ou ocupava um lugar “marginal”, sucessivo em relação a outras atividades (“desdobramento da atividade docente”), ou ainda vendo a tradução “como a melhor escola de línguas”, sublinhando o caráter didático da tradução; sucessivo também à teoria, que para alguns adquire estatuto de superioridade em relação à prática.

A análise das respostas não se limitaram às mesmas. Pesquisando na biografia e na bibliografia dos entrevistados as respostas adquiriram outro(s) significado(s). Por exemplo ao ler o seguinte recorte: “Não sou exatamente uma tradutora profissional, mas tenho a prática da tradução em meu horizonte”, questiona-se, nesse caso, o valor atribuído à expressão “tradutora profissional” quando consta da bibliografia dessa entrevistada a tradução de um livro de fundamental importância para os estudos de tradução, livro de um autor presente na bibliografia de centenas de cursos de Tradução e de Letras! Então, perguntamo-nos: o que é ser tradutor profissional? É provavelmente, para essa entrevistada, somente quem tem a tradução como ganha-pão. O aspecto profissional, nesse caso não se refere ao grau de profissionalidade do tradutor capaz de traduzir um livro denso de teoria e de amplo alcance acadêmico. A divisão entre “tradutor profissional” e “prática da tradução” revela a atribuição de valores diferentes ao ato tradutório que não são inerentes à atividade em si, mas à sua incidência na sociedade, ao enquadramento no rol de profissões.

Continuando nessa pequena amostragem, em resposta à 3.a pergunta, temos que:

“traduzir não é tarefa fácil. É uma atividade desafiadora[...]”, ou então, “a passagem de uma língua para a outra se torna difícil quando não se usa uma das línguas no cotidiano”

Segundo essas respostas a “passagem” é difícil, desafiadora, mostrando-se atividade não natural, mas atividade de reflexão que exige tempo e trabalho.

A postura em relação à mesma pergunta muda em outras respostas que mostram naturalidade, automatismo, uma espécie de não implicação ou de implicação totalizante:

“essa questão para mim é muito natural. Atuo com a mudança de uma língua para a outra como se ambas fossem minhas línguas maternas”

Essa afirmação, entretanto, é atenuada pela entrevistada quando acrescenta que

“obviamente, em algum momento, a língua espanhola não me é tão natural quanto o português [...]”

No recorte seguinte vemos um exemplo de automatismo perfeito, de não implicação com as línguas:

“desligo uma chave, ligo a outra” e a referência ao conto *Simultan* de Ingedor Bachmann é oportuna: Bachman no seu conto, que narra a história de uma tradutora simultânea, Nadja, utiliza várias línguas (alemão, francês, inglês, russo) num fluxo contínuo. Desde que fugiu da casa da sua infância e da sua língua materna, a simultaneidade transformou-se na sua vida e no seu trabalho. Nadja tornou-se intérprete de línguas estrangeiras e ela não tem nenhuma implicação com essas línguas:

Era realmente estranho o seu mecanismo, vivia sem um só pensamento na cabeça, vivia nas frases dos outros que imediatamente tinha que repetir como uma sonâmbula, mas com sons diferentes: de “machen” sabia fazer to make, faire, fare, hacer e delat’, tinha a capacidade de fazer rolar cada palavra como um tambor, seis vezes, só que não tinha que pensar que machen significava realmente machen, faire faire, fare fare, hacer hacer, delat’ delat’, isso teria tornado sua mente imprestável e ela tinha que tomar muito cuidado para não ser levada por essa enxurrada de palavras (BACHMANN, 1980, p. 23, minha tradução).

Quando Nadja perde o automatismo para traduzir, quando se desespera vendo que não consegue ser “perfeita” na tradução, por não conseguir traduzir uma palavra na sua língua materna, apesar de saber o significado dela, começa a ter consciência que não há uma correspondência automática entre as línguas (BAR HILLEL, 1964;1970). Começa, então, a sua afasia. A *concomitância*, a simultaneidade das palavras obriga-a a uma tomada de decisão (indecidibilidade em Derrida) e, para ela, é inevitável o mutismo.

Não há contaminação, cadeira é *sedia*. Palavra é *parola*, e assim por diante. No entanto, a simultaneidade de palavras nos deixa afásicos. Antes da escolha da palavra no *abismo* das línguas, não temos nenhuma palavra. Mesmo quando sabemos que cadeira é *sedia*, naquele contexto, talvez, não temos que traduzir assim e não sabemos o que dizer, o que escrever. Não falamos, não escrevemos, ficamos “sem palavras”, na simultaneidade delas. A simultaneidade leva ao mutismo. É o que acontece com Nadja. E, provavelmente, com muitos tradutores e tradutoras...

Continuando a leitura-análise das respostas verificamos que há também quem “viva nas duas línguas”: “eu acredito lidar bem porque vivo constantemente nas duas línguas [...], aliás eu vivo nesta condição desde meu nascimento [...]. Demonstrando, assim, considerar a tradução, porque efeito da própria história pessoal, uma “condição”.

Interessante observar a tentativa de fazer auto-análise com as respostas às perguntas propostas:

“Sobre se existe diferença se traduzo para o português, minha língua primeira, ou se traduzo para o inglês, a 2ª língua, eu diria que acontece algo bem estranho nesse sentido. Interessantemente tenho traduzido cada vez mais na direção port/ingl, o gênero textual acadêmico (teses, artigos, etc.). Sinto-me menos ansiosa quando o faço nesta direção, não fico com aquela *paranoia* de tentar não fazer o texto “cheirar” a tradução. Parece que traduzir para o inglês não mexe tanto com a minha *subjetividade*”.

As palavras grifadas, *paranoia* e *subjetividade*, denotam a preocupação em explicar esse “algo bem estranho” quando traduz numa determinada direção. A entrevistada se sente “menos ansiosa”.

5. À guisa de (in)conclusão

Como podemos ver a metáfora da passagem no processo de tradução é vivida de maneira diferente por esses pesquisadores, mas mostra estar sempre relacionada com uma dimensão de implicação, que pode ser total, no caso da entrevistada que fala de “duas línguas maternas”, ou nenhuma implicação, no caso da resposta “desligo uma chave, ligo a outra”. São posturas que nos remetem a momentos/teorias da tradução específicos: no caso da implicação total, podemos associar ao que se considera o pós-estruturalismo, com algumas teorias da desconstrução (pensemos em Lacan, Derrida, Kristeva, entre outros); no caso da separação total entre as línguas expressa pela capacidade de “desligar uma chave, ligar a outra”, podemos associá-la àquelas teorias que consideram o tradutor um perfeito “bilingue”, alguém que “domina” as línguas ao ponto de separar os universos linguísticos em segmentos que nunca se encontram.

Referências Bibliográficas

BACHMANN, Ingeborg, “Simultaneo” in *Tre sentieri per il lago e altri racconti*. Milano: Adelphi, 1980.

BAR HILLEL, Yehoshua. *Language and Information*. Reading, MA: Addison Wesley, 1964

BAR HILLEL, Yehoshua. *Aspects of Language*. Jerusalem: Magnes, 1970.

BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1977

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

CAMPOS, Haroldo de. O Afreudisiaco Lacan na Galáxia de Lalíngua. Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/afreudite/article/view/824> Acesso em: 10 Jan. 2013.

CORACINI, Maria José. *A celebração do outro: arquivo, memória e identidade. Línguas (materna e estrangeira), plurilingüismo e tradução*, Campinas: Mercado das Letras, 2007.

CORACINI, Maria José. Escrita de si, assinatura e criatividade. In: INDURSKY, Freda et al (orgs). *O discurso na contemporaneidade: materialidades e fronteiras*. São Carlos: Editora Claraluz, 2009. pp 393-404.

FOUCAULT, Michel, *L'Archéologie du savoir*, Éditions Gallimard, Paris, 1969.

FROTA, Maria Paula, A singularidade na escrita tradutora: linguagem e subjetividade nos estudos de tradução, na linguística e na psicanálise. 1999. F. 281. Tese de Doutorado em Linguística, IEL UNICAMP, Campinas, 1999.

HAROCHE, Claudine. *Fazer dizer, querer dizer*. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi. São Paulo: Hucitec, 1992.

LECERCLE, Jean-Jacques. *Philosophy throught the looking glass*. London, Melbourne, Sidney: Hutchinson, 1985.

LECERCLE, Jean-Jacques. *The violence of language*. London e New York: Routledge, 1990.

MILNER, Jean-Claude. *O amor da língua*. Tradução de Angela C. Jesuino. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

PEREIRA, Ingridd Michelle Lopes & CHAGAS, Pedro Dolabela. Arquivo e memória: uma análise dos conceitos de arquivo segundo Michel Foucault e Roberto Gonzalez Echevarría, *Fólio Revista de Letras*, Vitória da Conquista, v. 3, n.2, pp. 319-331, jul./dez.2011.

TERMINOLOGIA, MONSTRUÇÃO E TEXTO LITERÁRIO: UM IMBRICADO NÓ DE TRADUÇÃO NO TEXTO HUGOANO

Dennys da Silva REIS (UnB)⁷⁴¹

Resumo: O presente artigo visa discutir a presença da terminologia específica no texto literário. Para tal finalidade, primeiramente, faz-se um panorama da terminologia e seu objeto de estudo; depois, analisa-se o texto hugoano no que concerne à hibridação discursiva e autoral; e, por fim, discute-se as terminologias presentes no capítulo “Gringoire têm várias boas ideias consecutivas na rua dos Bernardinos”, do romance *Notre-Dame de Paris* de Victor Hugo. Todas essas etapas se destinam a mostrar o processo de construção experimentado pelo tradutor por meio da terminologia específica em texto literário.

Palavras-chave: Hibridação; Texto hugoano; Terminologia; Construção; Notre-Dame de Paris

1. Introdução

Muitos são os estudos da terminologia como inter- e transdisciplinaridade. Porém, definir terminologia é complexo porque ela pode ter não somente uma, mas várias definições no que concerne a seus fundamentos, seus enfoques, aplicações práticas, como disciplina ou mesmo como prática e/ou produto dessa prática.

A terminologia como objeto pode ser considerada um conjunto de termos de uma especialidade. Como disciplina, congrega conhecimentos das diferentes ciências a fim de prestar serviço às áreas técnico-científicas. Enquanto prática, seria um conjunto de ações que evolui no contexto da criação de termos, sua coleta, explicação e apresentação em diferentes meios impressos e eletrônicos (DIAS, 2000).

A terminologia está intimamente ligada à comunicação direta de especialistas, à mediação comunicativa e ao planejamento linguístico ajudando a representar conteúdo de documentos e a facilitar o acesso a esse conteúdo. Por conseguinte, é de onde provêm os glossários, dicionários especializados, manuais e outras tipologias textuais técnico-científicas.

É interessante notar que com a evolução dos meios de comunicação e com o interesse e a grande divulgação das ciências nos meios de comunicação de massa, a terminologia vem sendo cada vez mais requisitada para facilitar a divulgação de informações especializadas e organizadas (ARTIZ; PICHT, 1995).

Diante disso, até mesmo os tradutores de textos literários se servem da terminologia, visto que há textos literários que em meio à narrativa trazem uma gama de informações especializadas das mais diversas áreas técnico-científicas. Em *Notre-Dame de Paris*, romance de Victor Hugo de 1831, muitas das descrições feitas pelo narrador são precisas e bem definidas e para tal são utilizados termos especializados de diferentes áreas.

O presente trabalho visa então discutir a relação entre terminologia e texto literário em *Notre-Dame de Paris* de Hugo. Propõe-se investigar algumas das áreas especializadas que acompanham a escritura hugoana no romance e mostrar como a terminologia acaba, por vezes, se tornando um “monstro” para o tradutor de texto literário.

⁷⁴¹ Universidade de Brasília, Brasília, Brasil. E-mail: reisdennys@gmail.com

Para alcançarmos tal objetivo, primeiramente foi empreendida a tradução do capítulo 1 do décimo livro de *Notre-Dame de Paris* intitulado “*Gringoire a plusieurs bonnes idées de suite rue des Bernardins*”⁷⁴², após essa tradução, foram estabelecidos, neste mesmo capítulo, os termos especializados e suas devidas áreas.

Antes de entrelaçarmos texto literário e terminologia, se faz necessário analisarmos a maneira pela qual se constitui o texto hugoano.

2. O texto hugoano

Nos anos de 1830, a legitimidade do gênero romanesco se deu com o saber de ordem histórica e, por causa disso, muitas vezes, nem sempre se conseguia distinguir história e romance. Já nos anos posteriores a 1860, esse gênero vai buscar novos fundamentos na ciência. Essa pretensão científica do romance fará com que esse gênero se torne “realista”. Realista não como estética literária, mas sim a ponto de imitar a realidade, de conter o “real” dentro da ficção. Tal tendência de escrita alcançará muitos escritores como Flaubert, Balzac e Victor Hugo (ROMAN, 1999). É importante notar, que mesmo em *Notre-Dame de Paris*, um romance de 1831, essa tendência “realista” já era presente na obra de Victor Hugo.

Ao escrever seus romances Hugo utilizou muito da realidade em que vivia. E mesmo tendo romances com planos de fundo diferente à época em que vivia – como é o caso de *Notre-Dame de Paris* que se passa na Idade Média - o autor, na maioria das vezes, fazia críticas à sociedade francesa oitocentista. Ou seja, o contexto histórico que o autor presenciava é constante em sua obra, assim como o contexto artístico, filosófico, social, literário, cultural, idiomático, político, educacional, moral, religioso e até mesmo familiar e amical. Tais contextos nos são apresentados com uma riqueza de detalhes construída por muitos substantivos, adjetivos, advérbios, pronomes, verbos e mesmo com preposições, conjunções e interjeições. Charmarat-Malandain nos afirma que:

On aboutit donc à une forme de retournement: le récit ne met pas en cause la réalité de ce qu’il donne à lire mais propose une vaste interrogation sur l’usage social du langage pour dire le monde, la société elle-même, l’histoire, pour en discourir.

On peut partir du plus simples: des langues spécifiques et de leur lexique. On sait le goût de Hugo pour l’exactitude, ou son effet, dans ce domaine; elle est sensible aussi bien chez le narrateur que chez les personnages, chefs, paysans, Parisiens. Elles appartiennent à plusieurs domaines: celui de la nature, avec des termes relevant moins de la science que d’usages locaux qui se confondent ou non avec elle : botanique, ornithologie, topographie, météorologie⁷⁴³. (CHARMARAT-MALANDAIN, 2005, p. 279)

Ou seja, a autora nos diz que a realidade apresentada por Hugo é uma forma de interrogar a sociedade e até mesmo de propor uma nova leitura da realidade. Esta, por sua vez, é proporcionada ao leitor através de “línguas específicas”, ou seja, do léxico especializado. Esse léxico é empregado de forma precisa e em circunstâncias pontuais.

⁷⁴² “Gringoire têm várias boas ideias consecutivas na rua dos Bernardinos” (Tradução nossa).

⁷⁴³ Chega-se, portanto, a uma forma de reviravolta: a narrativa não põe em causa a realidade do que ele dá a ler, mas propõe uma vasta interrogação sobre a uso social da linguagem para dizer o mundo, a própria sociedade, a história, para discorrer isso.

Podemos partir do mais simples: das línguas específicas e do seu léxico. Sabemos o gosto de Hugo pela exatidão, ou seu efeito neste domínio; é perceptível também tanto no narrador quanto nos personagens, líderes, camponeses, parisienses. Pertencem a diversos domínios: aquele da natureza, com termos dependentes menos da ciência que de usos locais que se confundem ou não com ela: botânica, ornitologia, topografia, meteorologia. (Tradução nossa)

Millet, ao analisar essas “línguas” e léxicos na obra hugoana, faz as seguintes ponderações:

Elle [a língua] est aussi l’oeuvre de ces écrivains plus humbles que sont les traducteurs, parce que « dans toute traduction il y a de l’amalgame », et que « les transformations de langues ont besoin d’une mixture préalable » : les langues demandent pour vivre et se rénover de se mêler. La pensée linguistique hugolienne rejoint sa pensée poético-politique : pas vie sans mise en contact, communication, hybridation, « mixture ». Mixture de la langue aux langues spéciales que tout à la fois elle contient et exclut, mixture des langues vivantes et des langues mortes, mixtures internationale des idiomes. L’hybridation a fait la vie des langues – ce dont témoignent partout dans l’oeuvre les étymologies. Et elle continue, à travers la pratique hugolienne de l’hybridation de la langue française par ses « langues spéciales » (argot, patois, jargons), et par les langues européennes [...] (MILLET, 2005, p. 551)⁷⁴⁴.

Desta forma, podemos inferir que o texto hugoano — seja dos gêneros romance, teatro e poesia, ou do tipo filosófico, literário ou político — é híbrido. Segundo Marcos Bagno (2011), todo e qualquer texto, falado ou escrito, é intrinsecamente híbrido porque pode apresentar marcas de extremo monitoramento do discurso assim como outros usos que escapam do que vem previsto nas gramáticas normativas. No caso de Hugo, seu texto é híbrido porque apresenta misturas de línguas seja no nível dos diferentes idiomas (neologismos, justaposições, aglutinações, derivações e hibridismos), seja no nível de registro da própria língua francesa (formal, informal, familiar), ou de léxicos (especializados ou não).

O hibridismo do texto hugoano é, talvez, o mais difícil problema encontrado pelos tradutores de seus textos, pois para a operação de traduzir é necessário manipular uma série de conhecimentos contextuais, discursivos e linguísticos. Um desses conhecimentos é o saber terminológico, uma vez que vasta parte dos textos de Hugo adquire forte precisão devido ao uso do léxico especializado, sobretudo, nas descrições de lugares, objetos e ações ditas específicas, técnicas ou científicas de seus personagens. Vejamos alguns exemplos de terminologias utilizadas no texto *Notre-Dame de Paris* no capítulo intitulado “Gringoire têm várias boas ideias consecutivas na rua dos Bernardinos”.

3. Alguns tipos de terminologia no texto hugoano

Sabe-se que a terminologia compreende os termos, a fraseologia especializada e as definições. O termo é o léxico especializado de uma determinada área; a fraseologia especializada constitui “combinações pluriverbais fixas ou semifixas formadas basicamente por duas unidades lexicais” ou “fórmulas ou frases feitas, próprias de determinados âmbitos especializados” (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 86); e a definição terminológica, *grosso modo*, é a descrição dos termos de um domínio.

O texto literário de Hugo apresenta basicamente termos e fraseologias especializadas. Além disso, Victor Hugo cria uma terminologia própria, com definições que ele mesmo

⁷⁴⁴ Ela é também obra de seus escritores mais simples que são os tradutores, porque “em toda tradução há uma amalgama”, e “as transformações das línguas precisam de uma mistura prévia”: as línguas pedem para viver e se renovar de se misturar. O pensamento linguístico hugoano reuniu seu pensamento poético-político: nada de vida sem colocado em contato, comunicação, hibridação, “mistura”. Mistura de língua às línguas especiais que tudo ao mesmo tempo contém e exclui, mistura de línguas vivas e línguas mortas, mistura internacional de idiomas. A hibridação fez a vida das línguas – essa a qual testemunha em toda parte na obra as etimologias. E ela continua, através da prática hugoana de hibridação da língua francesa por suas “línguas especiais” (gíria, patoá, jargão) e pelas línguas europeias [...] (Tradução nossa).

constitui dentro de sua narrativa. Tomemos dois exemplos da extensa obra hugoana: em *Bug-Jargal* (1818), ao descrever o negro, Hugo define todos os seus tipos - *mulâtres, quarterons, sacatras, griffes e sang-mêlés* (HUGO, 1970); já em *L'Homme qui rit* (1869), o autor utiliza a palavra *comprachicos* e a define como aqueles que comercializavam crianças na Inglaterra entre os séculos XVII e XVIII⁷⁴⁵ (HUGO, 2002). Porém, para o presente trabalho nosso foco não é a “terminologia hugoana”, mas sim a terminologia de outras áreas utilizadas por Hugo em seu texto ficcional.

Como já mencionado, os exemplos que aqui serão relacionados fazem parte do romance *Notre-Dame de Paris* e mais especificamente do capítulo I do livro X. A título de contextualização, cabe fazer uma pequena apresentação da obra.

No século XV em Paris, uma jovem e bela cigana, Esmeralda, dança na praça da catedral de *Notre-Dame-de-Paris*. Claude Frollo, arcebispo da catedral, e Quasimodo, o sineiro disforme, se apaixonam pela jovem. Frollo ordena a Quasimodo que expulse Esmeralda da catedral e a entregue à polícia, mas ela é salva *in extremis* por uma brigada de arqueiros, liderada por Phœbus de Châteaupers. Os dois se apaixonam, embora o jovem capitão estivesse noivo da nobre Fleur-de-Lys. Este compromisso não o impediu de marcar um encontro com a cigana em um local fechado, mas, quando estavam prestes a consumir sua união, Frollo apunhala Phœbus e este morre. Acusada dessa morte, Esmeralda prefere tentar escapar do suplício a se entregar a Frollo. Quasimodo, apaixonado, não deixa que ela seja capturada pelas forças da ordem e a protege escondendo-a na catedral. Os vagabundos com os quais Esmeralda vivia a tiram da catedral e Frollo tenta apoderar-se da jovem. Diante da recusa obstinada, o arcebispo decide entregá-la a uma velha que morava no *Trou-aux-Rats*. Esta poupa a vida de Esmeralda que é tratada como sua própria filha. Desafortunadamente, os guardas a interpelam e a fazem cumprir o suplício a ela prometido. Quasimodo e Frollo assistem ao espetáculo do alto de Notre-Dame e o sineiro cheio de raiva empurra o arcebispo catedral abaixo. Em seguida, vai para o ossuário de Montfaucon, onde, abraçado ao corpo de Esmeralda, se deixa morrer.

Não é perceptível pela sinopse do romance que vários campos lexicais foram evocados. Porém, durante a leitura da obra é possível identificar longas descrições de seres vivos e inanimados, de ações dos personagens e de ambientes em que se desenvolve a trama. Tudo feito com muita precisão e especificidade, utilizando, por vezes, a terminologia de domínios diversos. No capítulo “Gringoire têm várias boas ideias consecutivas na rua dos Bernardinos”, é possível observar pelo menos três terminologias distintas: arquitetônica, eclesiástica, vestuária. Vejamos o primeiro quadro:

Quadro 1: Terminologia da Arquitetura		
FRANCES	PORTUGUÊS	DEFINIÇÃO ⁷⁴⁶
Abside	Abside	Nicho ou recinto semicircular ou poligonal, de teto abobadado, geralmente situado nos fundos ou na extremidade de uma construção ou de parte dela
Arcs-boutants	Arcobotantes	Construção, em forma de meio arco, erguida na parte exterior dos edifícios góticos para apoiar as paredes e abóbadas
Chapelle	Capela	Abóbada de galeria de aqueduto, de forno, etc.
Chevet	Abside	Nicho ou recinto semicircular ou poligonal, de teto abobadado, geralmente situado nos fundos ou na extremidade de uma construção ou de parte dela

⁷⁴⁵ Ver capítulo II (“*Les Comprachicos*”) da primeira parte do romance intitulado “*La mer et la nuit*”.

⁷⁴⁶ Todas as definições aqui presentes foram retiradas do Dicionário Houaiss em que constava a rubrica arquitetura.

Colonnette	Coluneta	Diminutivo de coluna. Coluna: Suporte vertical, cilíndrico ou quase cilíndrico, usado como ornato em edificações e monumentos ou como elemento de sustentação para partes elevadas de um edifício, abóbadas, arcos etc., e consta geralmente de base ou pedestal, fuste e capitel; sua forma e proporções específicas distinguem-se do <i>pilar</i>
Porche	Pórtico	Local coberto à entrada de um edifício, de um templo, de um palácio etc.
Tourelle	Torrinha	Diminutivo de torre. Torre: edifício alto, geralmente fortificado, usada antigamente para defesa em caso de guerra; fortaleza

Percebemos que a terminologia arquitetônica é abundante neste capítulo, o qual perfaz apenas nove páginas traduzidas e doze páginas no texto fonte⁷⁴⁷. Além de ser utilizada para precisar a descrição dos ambientes que os personagens mencionam em seus diálogos, constata-se que Hugo utiliza sinônimos de um mesmo termo em seu texto como no caso de *chevet* e *abside* que em português coincidem no mesmo vocábulo especializado: *abside*.

Neste capítulo aparecem apenas estes termos no que tange à terminologia da arquitetura, porém os mesmos figuram em outros capítulos de *Notre-Dame de Paris* conjuntamente com vários outros que identificamos como léxico especializado desta área.

É também importante ressaltar que nesta obra em específico a terminologia arquitetônica é profusa, visto que o projeto do autor, visa caracterizar como personagem principal a catedral Notre-Dame-de-Paris e de alguma forma divulgar ou popularizar as belezas de tal empreendimento arquitetônico (STEIN, 2009).

A segunda área de terminologia encontrada no capítulo X é a eclesiástica, conforme podemos observar na tabela abaixo:

Quadro 2: Terminologia Eclesiástica		
FRANCES	PORTUGUÊS	DEFINIÇÃO ⁷⁴⁸
Archidiacre	Arceidiago	Dignitário eclesiástico que recebe do bispo certos poderes junto dos párocos, curas, abades etc. de uma diocese
Dom	Dom	Denominação que acompanha certos cargos eclesiásticos
Évêque	Bispo	Na Igreja católica, eclesiástico que tem a plenitude do sacerdócio, com poderes de conferir os sacramentos da confirmação e da ordem, e que é posto na direção espiritual de uma diocese, sendo, por sua função, considerado sucessor dos apóstolos de Jesus [Pode ser nomeado pelo papa ou sagrado por outro eclesiástico com poderes para tanto; hierarquicamente, só está subordinado ao papa e, eventualmente, a um arcebispo; os paramentos que o distinguem são o báculo, o anel, a cruz peitoral e a mitra.]
Moyen de Salut	Meio de Salvação	Desenvolvimento da economia sacramental

⁷⁴⁷ Menciono aqui as páginas em Word traduzidas deste capítulo e as páginas do capítulo do romance de Hugo em francês publicadas pela editora Flammarion que consta na bibliografia deste artigo.

⁷⁴⁸ Todas as definições aqui presentes foram retiradas do Dicionário Houaiss em que constava a rubrica termo eclesiástico, com exceção da fraseologia especializada “meio de salvação”.

O fato do romance se passar na catedral Notre-Dame-de-Paris e de dois dos personagens principais estarem diretamente ligados à vida eclesiástica — Claude Frollo, que é padre e Quasimodo que trabalha como sineiro da catedral — faz com que o texto seja marcado pela terminologia do léxico especializado do domínio eclesiástico.

Além do comparecimento da terminologia eclesiástica no texto hugoano, é possível reconhecer a presença da fraseologia especializada “meio de salvação”, que também sendo uma frase feita, igualmente, é uma combinação pluriverbal fixa com duas unidades lexicais o que é muito presente em textos eclesiásticos. A terminologia eclesiástica também está presente em outros capítulos do livro, incluindo no campo terminológico objetos, atos, pessoas e mesmo datas/ocasiões, que integram o léxico eclesiástico especializado, auxiliando na caracterização de cenas, personagens e diálogos do romance.

A terceira terminologia encontrada no capítulo estudado diz respeito ao vestuário. Observa-se na tabela abaixo:

Quadro 3: Terminologia do Vestuário		
FRANCÊS	PORTUGUÊS	DEFINIÇÃO ⁷⁴⁹
Coiffe	Touca	Peça feita de fazenda, lã, renda etc., usada por mulheres e crianças, e que lhes cobre a parte superior e posterior da cabeça
Gonelle	Gonela	Espécie de túnica. Túnica: veste geralmente longa, inteiriça e meio justa, com ou sem mangas, usada por povos antigos
Hoqueton de guerre	Saio de guerra	Antigo vestuário largo e curto, geralmente feito de tecido grosseiro, usado pelos guerreiros; saia
Livrée	Libré	Fardamento provido de galões e botões distintivos usado pelos criados de casas nobres e senhoriais
Pourpoint	Gibão	Antiga peça do vestuário masculino, usada por baixo do paletó, que envolve o corpo do pescoço à cintura
Soutane	Batina	Veste tipo bata, que vai até os tornozelos, com mangas compridas e colarinho sem gola, geralmente preta, usada pelos clérigos e sacerdotes católicos que não pertencem a uma ordem ou congregação que tenha hábito próprio

A terminologia vestuária auxilia Hugo na descrição de seus personagens e mesmo na construção de alguns diálogos, como no caso do capítulo em estudo. É notório o quanto esses tipos de vestimentas são específicos. Apenas com alguns deles já se pode definir ou mesmo delinear algumas das características sociais de um ou mais personagens.

Infere-se que o grande campo lexical dos termos em questão seria a “túnica”, pois com exceção de “touca”, os demais termos poderiam ser facilmente traduzidos simplesmente por “túnica”, termo comum, mas que designaria, *grosso modo*, uma roupa do século XV— época em que se passa o romance. Todavia, a exatidão hugonana nas palavras, expressa no léxico específico do vestuário, não nos permite tomar tal atitude, até porque os românticos, como Hugo, eram muito detalhistas e as ideias científicas do século XIX permeavam a literatura e outras áreas do conhecimento, fazendo com que mesmo um texto literário tivesse certo

⁷⁴⁹ Todas as definições aqui presentes foram retiradas dos dicionários: Houaiss, Porto Editora e Le Petit Robert em que contava a rubrica vestuário, com exceção da fraseologia especializada “saio de guerra”.

cientificismo, neste caso visto através da opção pelo léxico especializado e também na difusão de ideias “científicas” (CASTELLO, 2004).

Tais terminologias percebidas na escrita de Victor Hugo deixam, por vezes, os tradutores apreensivos diante da especificidade do texto; da riqueza de detalhes que vai além de adjetivos e advérbios e chega à(s) terminologia(s). A busca pela tradução exata de termos e fraseologias solicita ao tradutor cuidado redobrado na consulta à documentação ou a obras de referência capazes de auxiliar na adequada tradução do texto hugoano. Tal complexidade se torna um monstro para o tradutor.

4. Monstro ou monstruação?

Não é recente a relação entre monstruosidade e tradução. Poderíamos fazer um grande panorama dessa relação que surge na Antiguidade e que se faz presente até a contemporaneidade. Todavia, no Brasil, Célia Magalhães é uma das pioneiras no tratamento desta relação e nos dá um exemplo de tradução-monstro⁷⁵⁰, afirmando que

Um dos criadores do movimento da vanguarda concretista, Campos se apropria da prática antropofágica, entre outras, tanto em seu projeto tradutório como na formulação de sua teoria de tradução. A obra traduzida de Campos constitui-se de fragmentos de outros textos que, em última instância, parecem servir de pretexto para a elaboração de sua teoria da tradução, aqui caracterizada como “monstruosa” ou como teoria frankensteiniana da tradução. (MAGALHÃES, 1998, p. 25-26)

Magalhães parece caracterizar a tradução como monstro no sentido de dispormos de um texto concreto em língua fonte e o reconstituirmos em língua de chegada, como no caso da aberração criada por Victor Frankenstein, reconstruída a partir de partes distintas de corpos humanos até se tornar um teratismo. Tal teoria é exemplificada pela autora como a forma e a maneira pela qual Haroldo de Campos constitui sua teoria e prática da tradução: ele recria, transcria. Além disso, um desses processos de recriação é a antropofagia, em que “toute traduction est donc un acte anthropophage par absorption du texte source et création de texte traduit⁷⁵¹” (TORRES, 2004, p. 27).

No que tange à terminologia no texto literário, a tradução-monstro aí se faz presente, visto que é preciso buscar no original os léxicos especializados e por meio do ato tradutório não apenas recriar ou transcriar, mas fazer corresponder a mesma terminologia das áreas evocadas no texto fonte. E é essa busca terminológica que faz da terminologia em texto literário um fardo tradutório, uma tarefa monstruosa. Pois, a fim de tentar recriar o discurso/estilo do autor, o tradutor necessita também pesquisar a terminologia utilizada. Tal ato, nós o nomeamos aqui de monstruação tradutória.

A monstruação tradutória seria um ato complexo e específico experimentado pelo tradutor, na busca da manutenção de certa terminologia ou discurso/estilo autoral, no desejo de bem exercer sua tarefa.

Em textos literários como *Notre-Dame de Paris*, a monstruação tradutória, talvez, seja mais um dos problemas que permeia a tradução, visto que o texto hugoano é antropofágico no sentido de se apropriar de outros domínios para constituir a narrativa.

⁷⁵⁰ Vale lembrar que nem todo monstro é feio e mal, mas também pode ser constituído de beleza e bondade. Assim como nem toda tradução-monstro é ruim e insignificante, mas pode ser boa e relevante.

⁷⁵¹“Toda tradução é então um ato antropofágico por absorção do texto fonte e criação do texto de partida” (tradução nossa).

5. Desfecho provisório

A terminologia se revela presente na literatura de determinadas estéticas, ora para imprimir um discurso cientificista, ora para acompanhar descrições e narrações extremamente específicas. Pode-se dizer que *Notre-Dame de Paris* de Victor Hugo é uma obra ficcional na qual a terminologia desempenha papel relevante.

Acredita-se que a hibridação do texto hugoano contribui para a presença de terminologias das mais diversas áreas em sua obra. Além disso, o projeto discursivo e autoral que parece buscar a exatidão, a precisão e o detalhamento das descrições de seus personagens, ambientes e seres inanimados evocados na narrativa remete direta e indiretamente à expressão de campos lexicais especializados ou não.

Por sua vez, o projeto literário hugoano implica a monstrosidade tradutória ou o desejo-preocupação em constituir em língua de chegada a obra hugoana tal como ela é: informativa, detalhista, intrigante e artística.

O estudo da terminologia em texto literário tem, a princípio, duas finalidades: primeiro, a validação de certas terminologias utilizadas no texto literário e; em seguida, a homogeneização do mesmo, principalmente quando este é extenso e as terminologias são usadas repetidamente em toda a narrativa como no caso de *Notre-Dame de Paris* de Victor Hugo.

Consideramos ainda que os estudos de terminologia em texto literário ainda são incipientes, mas abrem uma nova perspectiva que emerge dos Estudos Literários e Terminológicos. E, possivelmente, muito contribuirá para as reflexões em torno do que vem a ser o discurso e o texto literário.

Referências Bibliográficas

ARTIZ, Reiner; PICHT, Heribert. *Introducción a la terminología*. Traducción del alemán, Amelia de Irazazábal. Madrid: Fundación Germán Ruipérez, 1995.

BAGNO, M.. *Norma linguística, hibridismo e tradução*. Traduzires, v. 1, n.1, p. 19-32, Brasília, 2012. Disponível em: <http://seer.bce.unb.br/index.php/traduzires/article/view/6652/5368>. Acesso em 10/10/12.

CASTELLO, J. D.. *A literatura brasileira : origem e unidades (1500 -1960)*. São Paulo: Edusp, 2004.

CHARMARAT-MALANDAIN, G.. “Langue, parole et savoir dans *Quatrevingt-treize*”. In: NAUGRETTE, Florence. *Victor Hugo et la langue : Actes du colloque de Cerisy, 2-12 août 2002*. Paris: Bréal, 2005.

DIAS, Cláudia A. *Terminologia: conceitos e aplicações*. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v29n1/v29n1a9.pdf>. Acesso em 03/10/12.

HUGO, Victor. *Notre-Dame de Paris*. Paris: Flammarion, 2009.

_____. *L’Homme que rit*. Paris: LGF, 2002.

_____. *Le dernier jour d’un condamné précédé de Bug-Jargal*. Paris: Gallimard, 1970.

KRIERGE, M. G.; FINATTO, M. J. B.. *Introdução à terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2004,

MAGALHÃES, CÉLIA M.. *Os monstros e a questão racial*. (1998). Disponível em : <http://www.letras.ufmg.br/poslit/08_publicacoes_pgs/Em%20Tese%2002/Célia%20Maria%20Magalhães.pdf> . Acesso em 03/10/12.

MILLET, C.. “Histoire de la langue”. In: NAUGRETTE, Florence. *Victor Hugo et la langue* : Actes du colloque de Cerisy, 2-12 août 2002. Paris: Bréal, 2005.

ROMAN, M.. *Victor Hugo et le roman philosophique* : du drame dans les faits au drame dans les idées. Paris: Honoré Champion, 1999.

STEIN, M.. “Présentation, notes, dossier, chronologie, bibliographie”. In: HUGO, Victor. *Notre-Dame de Paris*. Paris: Flammarion, 2009.

TORRES, Marie-Hélène C.. *Variations sur l'étranger dans les lettres brésiliennes* : cent ans de traductions françaises des lettres brésiliennes. Paris: Artois Presses Université, 2004.